

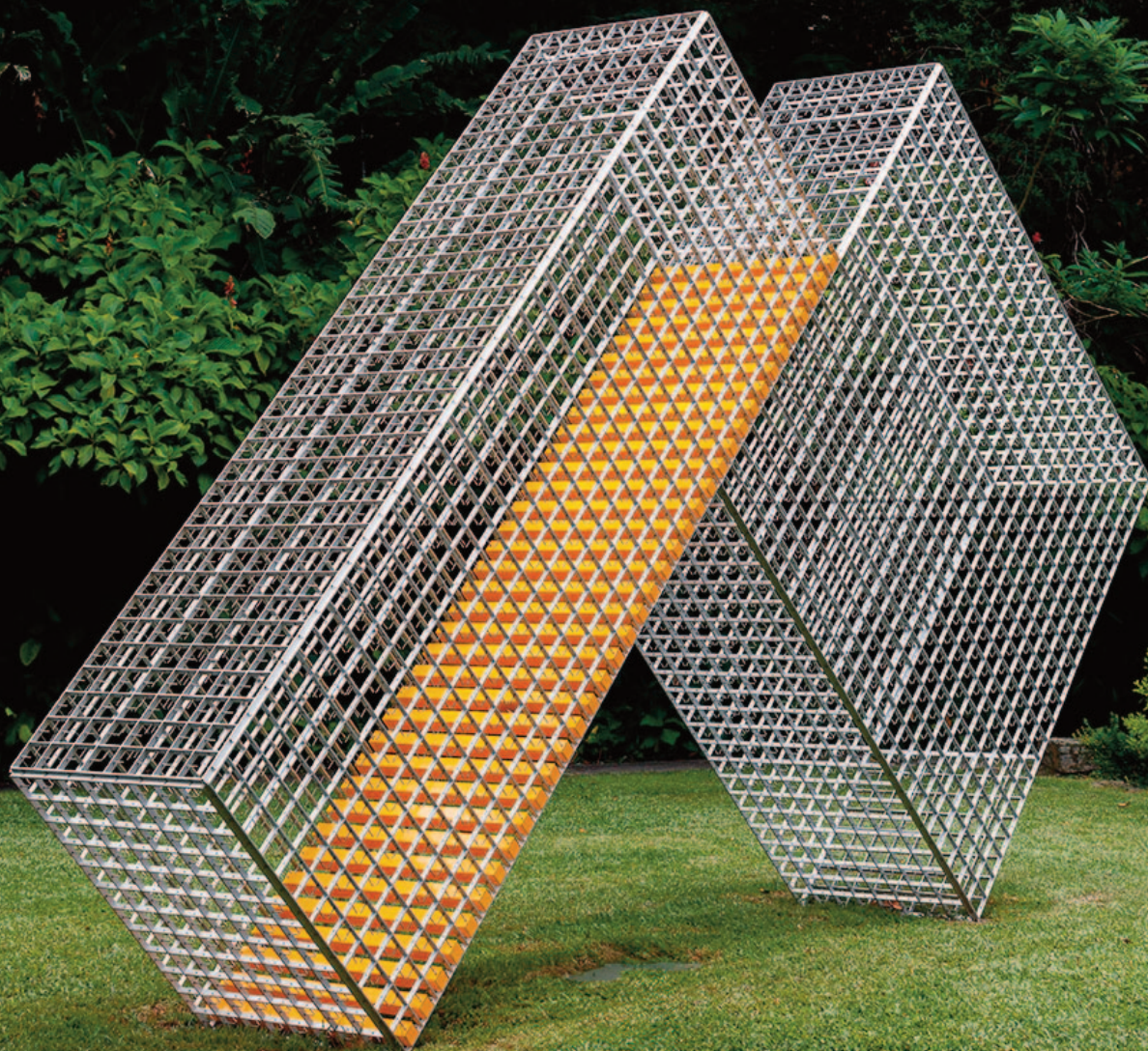
OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2024

o

NÚMERO 64

GEOMETRIA INQUIETA,
DE ASCANIO MMM,
NA CASA ROBERTO MARINHO, RJ



EDITORIAL

ARTE QUE OXIGENA DEZEMBRO

Do Rio de Janeiro a Inhotim, de Londres a São Paulo, a arte circula pelas páginas da Oxigênio, neste dezembro cheio de oportunidades para nos surpreender ou despertar boas lembranças.

A começar pela capa, com a múltipla e sempre instigante obra de Ascânio MMM, na mostra *Geometria Inquieta*, que passeia pela trajetória do artista na Casa Roberto Marinho, no bairro carioca do Cosme Velho, em diálogo com os interiores e também com os jardins de Burle Marx, que circundam a bela propriedade.

Michelangelo, Rafael e Leonardo da Vinci se encontram em Londres, na Royal Academy of Arts. E a correspondente Maria Hermínia Donato traz todos os detalhes deste fantástico encontro de mestres, que chegaram a ser contemporâneos num momento glorioso da arte humana.

Quando o assunto é dança e o mês é dezembro, *O Quebra-Nozes*, um dos balés clássicos mais amados do mundo, ganha nova montagem no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; já em São Paulo, o Festival SCENA, no Sesc Belenzinho, apresenta a recente geração italiana de dança contemporânea, com dois espetáculos inéditos por aqui.

Mas a última edição do ano traz muito mais: Uma história da Arte Brasileira – Coleções MAM Rio; Artistas do Vestir – Uma cultura de afetos, no Itaú Cultural; a versão *Primavera de Esconjuro*, mostra de Paulo Nazareth, no Instituto Inhotim em Brumadinho/MG; e a celebração do 50 anos da Galeria Raquel Arnaud na Art Basel Miami, são alguns bons exemplos.

Boa leitura, ótimo Natal!

Capa: Ascânio MMM, *Prisma 13*, 2024 – Foto: Jaime Acioli

ÍNDICE

04

OXIGENE: *A cena (não) muda* | O Quebra-Nozes celebra o Natal em montagem inédita no Theatro Municipal do Rio de Janeiro | *SCENA 2024 – Semana da Cena Italiana Contemporânea em São Paulo* | *Solidão de Caio F.*

11

MATÉRIA DE CAPA: *Geometria Inquieta*, de Ascânio MMM, na Casa Roberto Marinho, RJ

19

DIRETO DE LONDRES: *Michelangelo, Leonard, Raphael – Florence, c. 1504*
O encontro de três gênios

24

Uma História da Arte Brasileira – Coleções MAM Rio

27

Assim é se lhe parece

32

Artistas do vestir: uma costura de afetos

39

Atlântico Floresta no Museu de Arte do Rio

41

O Olho da Noite, um planetário de Jean-Michel Othoniel especialmente projetado para o MON em homenagem a Oscar Niemeyer

45

Territórios Possíveis - Paisagens Insólitas

49

Tempos e lugares marcam exposição de Paulo Nazareth no Inhotim

52

Galeria Raquel Arnaud participa da Art Basel Miami Beach celebrando seus 50 anos

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt



H I A N E

Foto: Junior Mandriola

A CENA (NÃO) MUDA

Inspirado em show antológico de Maria Bethânia, espetáculo volta ao cartaz no Teatro Domingos Oliveira, Gávea, RJ

Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção geral de Diego Moraes e direção musical de Guilherme Borges, o show teatral documental traça um paralelo entre o Brasil opressivo dos anos 70 e a atualidade, mostrando o que não mudou nos últimos 50 anos

Em 1974, Maria Bethânia apresentou “A Cena Muda” – espetáculo que trazia na superfície temas sobre ser artista, mas implicitamente tratava de questões que rondavam o Brasil nos anos 1970, como a falta de liberdade de expressão, o vazio humano, a censura, a desvalorização da mulher, os exageros nos interrogatórios e prisões, e sobre estarmos mudos. Com músicas de Chico Buarque, Paulinho da Viola e Gonzagui-

nha, o show foi um marco na história da música e do teatro brasileiro. Inspirado por essa inquietude, o show teatral documental “A Cena (Não) Muda” exhibe um paralelo entre aquele período e o que não mudou em 50 anos de Brasil.

“Através do espetáculo, é possível ver que a impunidade dos crimes cometidos nos anos 1960/1970 normaliza e

nutre a certeza da impunidade para certas parcelas do governo. Se não foram punidos antes, por que serão punidos agora? O espetáculo faz pensar sobre de onde viemos, onde estamos e para onde estamos caminhando”, declara o autor Pedro Henrique Lopes. “Num cenário de extrema rispidez e intolerância, onde os extremos estão cada vez mais polarizados, a gente expõe em cena situações do ontem e de hoje que mostram a urgência de pararmos com o extermínio da população pobre e mudarmos as políticas públicas e de segurança que normalizam um corpo periférico caído no chão. Isso não pode ser normal!”, acrescenta o diretor Diego Morais.

Em cena, as atrizes Analu Pimenta, Sirléa Aleixo e H I A N E dão voz a histórias de 1974 como a de Ieda Santos Delgado, uma das únicas mulheres negras desaparecidas durante a ditadura militar, e a busca de Eunice, sua mãe, tentando incessantemente encontrar a filha. Além de acontecimentos recentes, como as vidas de Luana Barbosa dos Reis Santos, Cláudia Silva Ferreira, Ágatha Félix e Kathlen Romeu, mostrando o que não mudou de ontem para hoje.

“Apesar de inserido num contexto de questionamento das heranças e de status político-sociais, o espetáculo é uma abordagem humana sobre os sentimentos de personagens que viveram ou vivem os impactos dessas escolhas, fatalidades ou coincidências do sistema. É um olhar sensível a mulheres, e sobretudo mães, que seguem firmes na busca por respostas, que são fortemente afetadas pelos fatos, mas não sucumbem”, explica o diretor Diego Morais.

A Cena (Não) Muda revisita as músicas e os temas do show de Bethânia e a história de tantas mães que buscam por seus filhos e filhas, num emocionante retrato de gritos mudos, de silêncios estridentes e de cenas que se repetem e não mudam até os dias de hoje. Com o direito conquistado de falar, de questionar e de pensar, o elenco se desdobra para remontar e cantar essas

dores e os temas que, em 50 anos, ainda se repetem. O repertório inspirado no show de 74, somado a músicas de artistas atuais, reportagens, documentos e textos trazidos ao palco, denuncia os reflexos dessa herança social.

“O espetáculo propõe pensarmos os caminhos que a nossa sociedade tem tomado em aspectos sociais, de cidadania, de direitos humanos, de minorias, de maiorias, de violência, de desigualdades e, sobretudo, de respeito ao próximo”, enfatiza Pedro Henrique Lopes.

SERVIÇO

“A Cena (não) Muda”

Até 18 de dezembro

Teatro Domingos Oliveira/Planetário da Gávea

Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 4109-2299

Dias/Horários: terças equartas, às 20h

Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia-entrada)

Duração: 70 minutos | Classificação etária: 16 anos

Venda de ingressos: pelo site

<http://linktr.ee/acenanaomuda> ou na Bilheteria do Teatro

Foto: Junior Mandriola



O QUEBRA-NOZES celebra o Natal em montagem inédita no Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Considerado um dos balés mais famosos do mundo, *O Quebra-Nozes*, de Marius Petipa e música de Tchaikovsky, terá uma montagem inédita com o Balé, Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A concepção e adaptação são de Hélio Bejani e Jorge Texeira, com regência do argentino Javier Logioia Orbe.

Considerado um dos maiores clássicos do balé mundial, “*O Quebra Nozes*” teve sua estreia em 1892, na Rússia; a primeira apresentação no ocidente só aconteceu em 1934, no *Sadler’s Wells Theatre*, em Londres.

SINOPSE

A narrativa se passa em Nuremberg, na Alemanha, no final do século XIX, e conta a história de Drosselmeyer, um misterioso fabricante de relógios e brinquedos. Drosselmeyer trabalhava no palácio Real, onde inventou uma armadilha que exterminou a metade dos ratos do reino. Para se vingar, o Rei dos Ratos decidiu raptar o sobrinho de Drosselmeyer e o enfeitiçou fazendo com que seu tio não mais o reconhecesse, deixando-o no orfanato para meninos. O menino também se transformaria em um boneco Quebra-Nozes nas noites de Natal.

A única maneira para que Drosselmeyer voltasse a reconhecer seu sobrinho seria o boneco Quebra-Nozes lutar com o Rei dos Ratos e derrotá-lo. É véspera de Natal. O médico e Prefeito da Cidade, Jans Stahlbaum e sua esposa, atendendo ao pedido de sua generosa filha Clara e imbuídos pelo espírito natalino, convidam os meninos do orfanato para a linda festa que ofere-

cem todo ano a seus parentes e amigos. A tradicional celebração é esperada com ansiedade pelos filhos do casal, Clara, Fritz e Louise, que terão a oportunidade de fazer novos amigos. Para Clara este será um Natal ainda mais especial!

SERVIÇO

O Quebra-Nozes – Balé, Coro e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Praça Floriano, S/N, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários:

12/12 (estreia), 13, 14, 18, 19, 20, 21/12 às 19h

15/12 e 22/12 – 17h

17/12 – 14h (Projeto Escola)

Duração: 2h + intervalo de 20 minutos

Classificação: Livre

Ingressos na bilheteria do Theatro, a partir das 10h, e através do site www.theatromunicipal.rj.gov.br

Foto: Renato Mangolin



SCENA 2024

Semana da Cena Italiana Contemporânea em São Paulo

Em sua quarta edição, que acontece de 12 a 15 de dezembro no Sesc Belenzinho, a SCENA apresenta *Vanitas* e *Cloud* – obras que exploram a dança, a performance e as artes visuais, criadas por jovens e emergentes artistas da dança, provenientes da Itália meridional e insular. Os espetáculos evocam o passado, na iconografia e imaginário pictóricos, e o presente, mergulhando em questões geopolíticas e geracionais. De modo especial, ambos tratam das questões e tensões ligadas ao lugar da arte nas transformações da sociedade e nas inquietações humanas. Referem-se à contínua violência perpetuada contra corpos dissidentes, assim como ao estado de suspensão em que vivem as novas gerações e barreiras de comunicação, apesar de um mundo cada vez mais conectado.

A mostra SCENA – Semana da Cena Italiana Contemporânea em São Paulo teve início em 2019, fruto de

uma parceria entre o Instituto Italiano de Cultura de São Paulo e o Sesc SP, com curadoria de Rachel Brumana e produção da Associação SÙ de Cultura e Educação.

A SCENA busca, a cada edição, construir um olhar sobre a Itália de hoje e estabelecer relações da mais recente produção das artes cênicas com a cena e a plateia brasileiras, por meio dos corpos, das falas, das poéticas e dos discursos que habitam os territórios por onde transitam artistas, pensamentos e colaborações. Ativa, contestadora, envolvente, reflexiva, provocadora, emerge da Itália, hoje, uma cena atenta a questões globais, a partir dos espaços que a origina e por onde transita. Os trabalhos apresentados ao público de São Paulo atravessam, na velocidade e intensidade de uma semana, de revisitações ao clássico a perguntas sobre o presente e o futuro.

VANITAS

Trailers:

<https://vimeo.com/1006555982>

<https://vimeo.com/1006557965>

<https://vimeo.com/1006559286>

Giovanfrancesco Giannini, Fabio Novembrini e Roberta Racis são jovens artistas da dança, oriundos da Itália meridional e insular (Nápoles, Sicília e Sardenha). Em VANITAS, partindo de uma re-



Foto: Luca del Pia

flexão sobre a vanitas como gênero pictórico, reinterpreta na contemporaneidade a iconografia da vaidade em relação ao tema macro da crise de nosso tempo. Inquietação, crise de pensamento, vazio de sentido: a vaidade como lei do mundo.

Na História da Arte, pinturas feitas no estilo *vanitas* (gênero comum nos séculos XV, XVI e XVII na Europa) desejam lembrar a efemeridade da vida, a futilidade de buscar prazeres e a certeza da morte. Símbolos *vanitas* frequentemente incluem caveiras, lembranças inevitáveis da morte; frutas apodrecidas, que simbolizam a decadência trazida pelo envelhecimento; bolhas, fumaça, relógios e ampolhetas, que evocam a brevidade e a natureza efêmera da vida. Estreou em 2024.

CLOUD

Trailers:

<https://vimeo.com/1024665042>

<https://vimeo.com/386463048>

CLOUD é uma reflexão sobre a política das imagens e sobre a representação midiática dos corpos, organizada em torno dos conceitos de duração e repetição: a performance se desenrola ao longo de um período de uma

hora e é composta por duas repetições de cerca de trinta minutos cada; o público pode entrar e sair entre uma e outra. O conteúdo é o mesmo, mas o corpo e o espírito do performer não serão os mesmos entre a primeira e a última réplica. A relação com a violência das imagens adquire um caráter ritual e se inscreve no contexto da fadiga física e mental, da obstinação de uma permanência prolongada em cena, em um percurso repleto de imagens e vídeos do vórtice da web ao arquivo pessoal de dados. Estreou em 2019.

SERVIÇO

Sesc Belenzinho – Sala de Espetáculos I

Rua Padre Adelino, 1000, Quarta Parada, São Paulo / SP

Preços: de R\$ 18 a R\$ 60

Vanitas

Dias 12* e 13 de dezembro (quinta e sexta-feira às 20h)

*após a sessão do dia 12, haverá bate-papo com os artistas com mediação de Renan Marcondes

Duração: 45 min

Classificação: 14 anos

Cloud

Dias 14 e 15 de dezembro (sábado às 20h e domingo às 17h)

Duração: 60 min

Classificação: 12 anos

Foto: Pietro Bertora





Foto: Felipe O Neill

“SOLIDÃO DE CAIO F.”

*Até 22 de dezembro, no Ateliê Alexandre Mello, em Laranjeiras, RJ,
espetáculo em homenagem ao escritor Caio Fernando Abreu
reflete sobre a solidão, a morte e a busca pelo amor nas metrópoles*

A busca pelo amor verdadeiro nas grandes metrópoles e a poesia extraída da dor de se sentir só permeiam os textos do jornalista, dramaturgo e escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996), que deixou uma extensa obra, composta por contos, romances, novelas e peças teatrais. O espetáculo *“Solidão de Caio F.”*, põe um foco nesse recorte ao unir dois contos do autor sobre o tema (*“Uma praiazinha de areia bem*

clara, ali, na beira do sanga” e *“Dama da Noite”*), além de cartas escritas entre 1987 e 1990. Com direção de Alexandre Mello e roteiro de Hilton Vasconcellos, a peça evoca imagens de uma época de homofobia explícita por conta da desinformação sobre a Aids e da grande dor existencial desta geração que viveu o golpe militar e a decadência das artes e da cultura no país.

Na trama, um único homem, o escritor, desdobra-se em dois personagens, que estão em um mesmo ambiente, mas não se encontram, por pertencerem a contos diferentes. Os atores Hilton Vasconcellos e Rick Yates são cérebro e coração do autor, num mesmo espaço-tempo, contracenando indiretamente. Quando um é autor, o outro é personagem e vice-versa. A encenação optou por explorar uma imagem bastante popular da famosa tela de Van Gogh, que retrata seu quarto, como suporte para a cena de Caio F. Os personagens habitam esse mesmo quarto, onde suas memórias e impressões do mundo e da vida se expressam através das imagens daqueles tempos. No espaço, também há uma exposição sobre o escritor, com textos, projeções e músicas de artistas citados em suas cartas e contos, de Maria Bethânia e Maysa a Fassbinder e Oscar Wilde.

“Este monólogo-tributo foi escrito durante a pandemia, quando a palavra de Caio parecia ‘gritar pelos cantos’. Suas crônicas e cartas nos anos 1990 denunciavam a ignorância em torno de um vírus também desconhecido e desmascaravam a covardia dos que usavam a epidemia para impor o ódio e o preconceito. O universo de Caio é o mesmo dos que insistem em continuar, dos que tentam não sucumbir às mazelas diárias”, descreve Hilton Vasconcellos que, em 2012, ficou oito meses em cartaz na peça *“Homens de Caio F.”*, dirigida por Delson Antunes. *“As palavras de Caio parecem ter sido feitas para as ações que nascem no coração. Tudo ali é à flor da pele e nos emociona. O que é descritivo nos seus textos é cinematográfico, gerando imagens que ativam todos os nossos sentidos. Minha paixão pela obra dele é de longa data”*, acrescenta Rick Yates.

Caio Fernando Abreu (1948-1996) é considerado um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos. Inovador, imprimia em seus contos uma narrativa cinematográfica, detalhada, delicada e ácida. Caio integra uma geração, que vai dos hippies, passando pelos “punks” e “clubbers” até ser devorada pela



Foto: Felipe O Neill

Aids nos anos de 1980/90. Seus contos têm imagens potentes, são histórias cinematográficas da solidão de seus personagens na selva urbana.

“Caio surge como autor, sob a censura moralista da decadente ditadura militar no Brasil. Embarca numa espiral de afã por liberdade e justiça, amor livre e luta contra a homofobia, mas sua obra segue uma ‘via negativa’. Seus personagens são anti-heróis urbanos, ‘loosers’ A obra de Caio F. responde com sensibilidade à demanda de liberdade de seu tempo e continua atualíssima”, reforça Alexandre Mello.

SERVIÇO

Solidão de Caio F.

Até 22 de dezembro

Ateliê Alexandre Mello

Rua Alice, 1.658/201, Laranjeiras, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 99255-9036 / (21) 98272-0499

Dias/Horários: sexta e sábado às 20h30 e domingo, às 19h30

A casa abre 30 minutos antes das sessões e o bar funciona antes e depois do espetáculo

Ingressos: 50 (inteira) e 25 (meia-entrada).

Duração: 55 minutos | **Classificação etária:** 12 anos

Venda de ingressos: no Sympla e no local sujeito à lotação

Geometria inquieta, de Ascânio MMM, na Casa Roberto Marinho, RJ



Fitangular Longo, 1984

Foto: Jaime Acioli

Aproximadamente 100 obras compõem a exposição que celebra os 60 anos de carreira de um dos mais importantes escultores da arte brasileira, sob a curadoria de Lauro Cavalcanti.

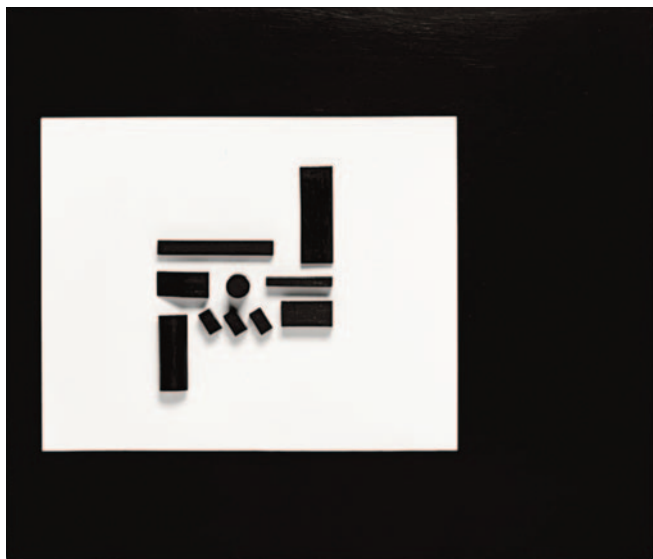
A mostra inclui uma reprodução do ateliê do artista e obras manipuláveis pelo público, além de uma seleção pessoal de Ascânio MMM, que apresenta trabalhos de seu acervo particular em diálogo com peças da Coleção Roberto Marinho

O raciocínio arquitetônico sempre esteve presente na obra de Ascânio MMM, e a exposição *Geometria Inquieta* revela a pulsão construtiva desde as suas raízes em Portugal. Imagens que remetem a essas origens incluem a casa de férias em Ofir, projetada pelo arquiteto português Fernando Távora (1923-2005). Através do contato com essa construção modernista, o escultor percebeu que a arquitetura era o caminho para a liberdade, porque através dela podia dominar o espaço e interagir com a luz e a sombra.

O uso da madeira como matéria-prima remonta à tradição da construção naval no estaleiro de sua família, em Fão, cidade onde nasceu. A intimidade com as ferramentas de marcenaria abriu caminho para que fosse esse o meio de colocar no mundo os objetos que desejava. *“No quintal de casa, eu aproveitava os pequenos pedaços de madeira que encontrava nas marcenarias. Com eles comecei a fazer minhas primeiras peças”*, relembra o artista.

Ascânio imigrou para o Rio de Janeiro aos 17 anos, já com o desejo de estudar arquitetura. Mas foi na escultura que encontrou a linguagem para se comunicar com o mundo: *“A escultura, para mim, é primeiro uma paixão, um modo de fazer poesia através do objeto. Seria impossível não fazer algo que grita dentro de mim”*, declara o artista, que se diz um carioca nascido em Portugal.

Aos 83 anos, ele mantém a energia que o leva diariamente ao ateliê, dando continuidade a uma produção



De cima para baixo: *Composição dezenove*, 1967;
Composição um, 1966; *Composição dezessete*, 1997

Fotos: Jaime Acioli

vigorosa que teve início nos anos 1960. A exposição permite um olhar retrospectivo sobre as seis décadas de percurso artístico de Ascânio, orientando-se pela evolução dos materiais e técnicas utilizados. Ele, no entanto, rejeita o termo "retrospectiva": *"Para mim, esse conceito se aplica quando o artista já encerrou a sua obra"*.

"Ascânio MMM é um artista cuja obra reúne várias influências e questões centrais na arte brasileira e latino-americana dos últimos 60 anos, e esta exposição mapeia o percurso trilhado por ele. Sua produção mantém uma enorme coerência interna em domínios como o construtivismo, arquitetura, verdade dos materiais, dialética entre projeto e execução, tridimensionalidade e composição planar. A vontade da forma, inabalável a modismos, impulsionou o artista com suas peças precisas e surpreendentes, na retomada de um ideal construtivo. Nesta rota, o uso contínuo da geometria não lhe aboliu o acaso nem a poesia", analisa Cavalcanti, diretor-executivo da Casa Roberto Marinho.

PERCURSO ASCÂNIO

No primeiro grande salão expositivo, a escultura *Fitangular Longo* (1984) revela a imponência do material em sua forma natural, evidenciando uma técnica de colagem de ripas que cria uma gradação de tons e dá corpo à peça. Com mais de seis metros de comprimento, a escultura domina o espaço, interrompendo o diálogo visual entre o interior e o jardim através das amplas janelas de vidro.

Na sala seguinte, a exposição retorna ao início da carreira, apresentando desenhos volumétricos, esculturas



Flexos 6.2, 2007-2024

Foto: Jaime Acioli

de parede da série *Composição* e algumas esculturas já pintadas de branco, antecipando a identidade estética que consolidaria o trabalho de Ascânio.

Neste espaço também está a obra mais antiga da mostra, *Escultura ENBA* (1964), produzida em gesso, arame e sisal. O título, que faz referência à Escola Nacional de Belas Artes, remete ao contexto em que a peça foi criada – Ascânio cursou dois anos (63 e 64) na ENBA, antes de ingressar na faculdade de Arquitetura.

Embora distinta em termos materiais, a obra já traz o eixo como elemento estrutural, segundo aponta o crítico de arte Paulo Herkenhoff, no livro *Poética da Razão*.

Ainda no térreo, referências e influências que atravessaram o percurso artístico de Ascânio surgem numa seleção de obras da Coleção Roberto Marinho realizada por ele. *“Este convite dá continuidade à tradição das individuais contemporâneas do Cosme Velho, onde artistas convidados não apenas exibem suas obras, mas também interagem e ressignificam o acervo da Casa”*, explica Lauro Cavalcanti.

Ao retomar a prática curatorial – exercida entre 1983 e 1990 na Galeria dos Artistas, que funcionou no Centro Empresarial Rio, na Praia de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro – Ascânio faz escolhas pautadas pela sua memória afetiva, trazendo à tona vivências pessoais. De um lado, homenageia os que influenciaram o início de sua carreira: Lygia Clark, com suas superfícies modulares, Amílcar de Castro e Franz Weissmann são alguns dos nomes que lhe impactaram, seja pela apropriação da forma geométrica, pela transgressão estética ou pelo uso do material.

Por outro lado, Ascânio destacou parceiros da vanguarda dos anos 1960 e 1970, que ajudaram a construir uma arte inovadora e transformadora. Entre esses contemporâneos e companheiros de juventude estão Antonio Manuel, Artur Barrio, Cláudio Paiva e Raymundo Colares, representados em obras pertencentes à coleção particular de Ascânio e Ana Maria Monteiro. Lygia



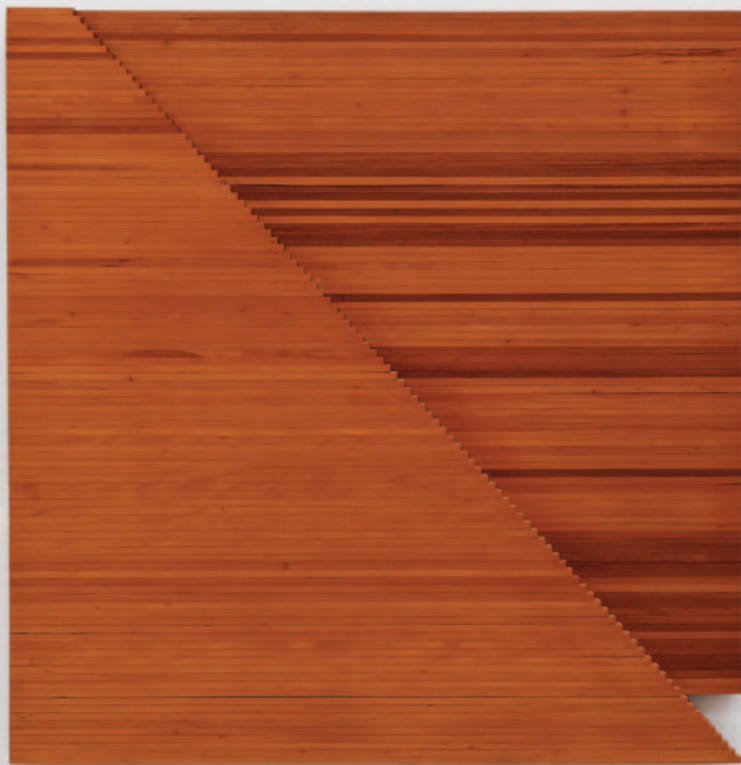
Piramidal 12.5, 1991-1992

Foto: Jaime Acioli

Formação 20, 1979

Foto: Thales Leite





Da esquerda para a direita: *Formação dezessete*, 1979 e *Formação dezesseis*, 1979

Fotos: Jaime Acioli

Pape, amiga próxima e influência fundamental na sua experiência neoconcreta, também está presente com uma obra da série *Tecelares* (1959).

No segundo andar, o público entra em contato com o processo criativo e construtivo do escultor. Sua formação em arquitetura se reflete nas pequenas maquetes – ou “*projetos*”, como prefere chamar – que funcionam como miniaturas de futuras obras em maior escala.

Miniaturas como as que compõem *Estudo para Fitangulares*, exibido no hall, ocupam as estantes do ateliê de Ascânio, ao lado de fotografias e objetos que carregam histórias e memórias. Esse espaço de trabalho, onde ele testa materiais e planeja cada etapa de seu processo, é recriado na exposição, evidenciando o quanto o cotidiano do ateliê é essencial em sua prática artística.

Presente em todas as fases de produção, Ascânio contraria a ideia de uma obra meramente intelectual, aproximando-se de uma prática construtiva, independente do material que utiliza. “*A manipulação do material, a descoberta de novas possibilidades – tanto na madeira quanto no alumínio, no ato de cortar, furar, entre outros – têm sido fundamentais na pesquisa e na abertura de novos caminhos criativos*”, reflete Ascânio em uma entrevista ao curador paulistano Paulo Miyada.

DA MADEIRA AO ALUMÍNIO

Três salas da exposição são dedicadas a uma cronologia dos materiais, ilustrando o desenvolvimento técnico e estético da obra de Ascânio MMM. Essa disposição das peças por fases evidencia também a importância do público em sua concepção, uma vez que as esculturas dialogam com a escala humana e ganham

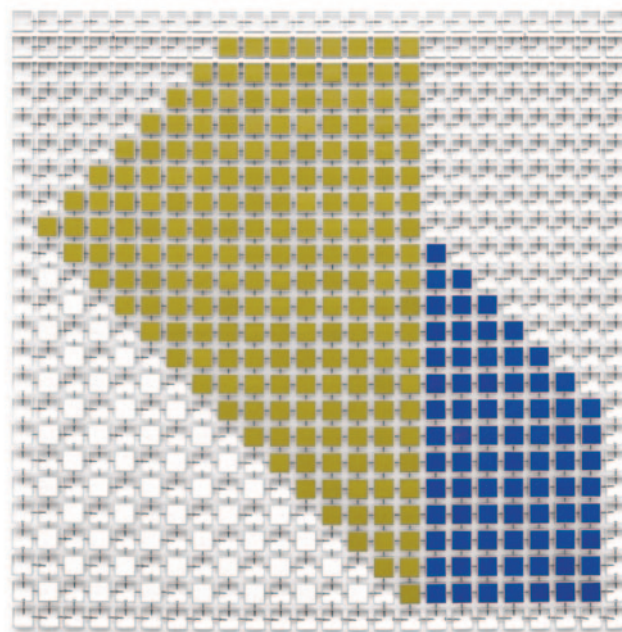
vida a partir da interação visual do espectador, revelando novas dimensões conforme o ângulo de observação.

Obras como *Escultura 21* (1978/2010), *Escultura 2.6* (1979/2000) e *Espaço 4* (1968) capturam a fase em que Ascânio aprofundou sua experimentação com volumes por meio de esculturas em madeira pintadas de branco, nos anos 1970. Através da técnica de empilhar, deslocar e torcer as ripas em torno de um eixo central, ele criou peças que sugerem movimento e um jogo de luz e sombra.

Já ao longo dos anos 1980, o escultor passou a explorar a madeira em sua forma natural, trocando a neutralidade do branco pelas variações de textura e cor de espécies nativas, como freijó, maçaranduba, ipê, pau-marfim, jacarandá, pinho e cedro. Em esculturas de parede da série *Relevo*, o artista integra elementos pintados de branco e madeira aparente, criando um diálogo entre as linguagens. Nas séries *Formação* e *Pirâmidal*, a riqueza de cores naturais se alinha ao rigor geométrico.



O alumínio passou a fazer parte do trabalho de Ascânio quando ele foi desafiado a criar grandes obras públicas e necessitou de um material mais resistente às intempéries. As monumentais obras públicas que utilizam o alumínio, como *Módulo 6.5* (1970-1997) e *Módulo Rio* (1971-1983), ambas instaladas em áreas urbanas do Rio de Janeiro, são representadas na exposição por desenhos e projetos. Também integram a mostra obras da série *Quacors* – malhas compostas por perfis de alumínio quadrados, cortados com 2cm, unidos por parafusos e porcas, e cobertos por placas de várias cores, criando composições geométricas que dialogam com a pintura.



Quacors 51, 2023

Foto: Thales Leite

Em outra sala estão expostas as esculturas articuladas, concebidas para interação direta com o público. Re-

Relevo 2, 1972

Foto: Jaime Acioli

tomando o espírito lúdico das caixas móveis de 1968-69, criadas para manipulação pelo espectador, destaca-se a imponente *Qualas 11* (2008), uma obra composta por argolas de alumínio que formam uma trama fluida e sonora, suspensa no teto. A maleabilidade do material e o movimento sutil das peças convidam o visitante a explorar a instalação de perto, criando uma experiência entre materialidade e som.

No último espaço expositivo interno, uma cronologia estruturada pela pesquisadora Ileana Pradilla Ceron traça a trajetória de Ascânio.

Ao ar livre, nos jardins da Casa Roberto Marinho, a escultura permanente *Flexos 6* (2007), instalada desde a inauguração do instituto em abril de 2018, é acompanhada por três obras da série *Prismas* – composições em grade produzidas a partir de perfis de alumínio com estruturas transparentes. A maior delas, *Prisma 13*, foi concebida especialmente para a mostra, para ser integrada ao jardim originalmente projetado por Burle Marx, abrigando espécies da Mata Atlântica: “O diálogo da escultura com a floresta em volta é estabelecido através da transparência e sua escala permite um bom passeio visual nos diversos níveis do terreno”, observa o diretor.

Geometria Inquieta é acompanhada por um livro organizado por Lauro Cavalcanti, com projeto gráfico de Fernando Leite. Reunindo 16 textos críticos sobre a obra do escultor, a publicação amplia o alcance da exposição e compila análises valiosas de Paulo Herkenhoff, Fre-

derico Moraes, Lygia Pape, Fernando Cocchiarale, Paulo Miyada, Luisa Duarte e Guilherme Wisnik, entre outros, oferecendo uma visão abrangente e histórica da produção de MMM e sua influência na arte brasileira.

SERVIÇO

Geometria Inquieta – Ascânio MMM

Abertura: 14 de dezembro, às 12h

Encerramento: 30 de março de 2025

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$10 (inteira) / R\$5 (meia entrada)

As quartas-feiras, a entrada é franca para todos os públicos.

Aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para grupos de quatro pessoas.





Prisma 2, 2020

Foto: Jaime Acioli



Leonardo da Vinci,
A Virgem e o Menino
com Santa Ana
e o Infante São João
Batista (*"The Burlington
House Cartoon"*),
c.1506-08

The National Gallery,
Londres

Exhibition organised by
the Royal Academy of Arts,
London, in partnership with
Royal Collection Trust and the
National Gallery, London

Michelangelo, Leonardo, Rafael: Florença, c. 1504

O encontro de três gênios

Visitar a exposição Michelangelo, Leonardo, Rafael na Royal Academy of Arts, Londres, é uma experiência inesquecível; um mergulho na riqueza da Renascença italiana e nos legados de três dos maiores mestres da arte: Michelangelo, Leonardo da Vinci e Rafael, cujos caminhos se cruzaram pela primeira vez em Florença, c. 1504. Logo ao entrar, somos transportados para o início do século XVI, um período efervescente de rivalidades criativas e busca incessante pela perfeição artística

Maria Hermínia Donato

JANEIRO DE 1504, FLORENÇA

Trinta homens se reúnem para decidir onde posicionar o David (quase terminado) de Michelangelo em um espaço público. Entre eles estão Botticelli, Filippino Lippi, Leonardo da Vinci e Michelangelo. Poucas semanas depois, Rafael chega a Florença, vindo de Siena, com apenas 21 anos. Ele vê a enorme escultura e a desenha. Posicionado atrás da obra, observa a musculatura extrema esculpida no mármore de Carrara e, com sutileza, ajusta as proporções, reduzindo o tamanho das mãos. Olhando para esse desenho em tinta marrom, exibido na exposição, podemos enxergar o David pelos olhos de Rafael.

Com aproximadamente 40 obras, a exposição cria uma narrativa vívida sobre esses três gigantes da arte, observando, rivalizando e influenciando uns aos outros. Leonardo, o mais velho dos três, nasceu em Florença em 1452. Quando Michelangelo veio ao mundo, em 1475, ele era um artista em ascensão. Rafael, o mais

jovem, nasceu em Urbino em 1483, quando Leonardo já tinha 31 anos. Houve apenas 20 anos em que todos eram adultos.

Apesar desse breve cruzamento de vidas, suas relações foram marcadas por competição, enquanto disputavam as encomendas de patronos poderosos em Florença e Roma. Michelangelo e Leonardo rivalizavam pelo patrocínio da família Medici, enquanto Rafael e Michelangelo competiam pelo favor do Papa Júlio II. Michelangelo, sempre crítico, teria afirmado que tudo o que Rafael sabia havia aprendido com ele.

Ao finalizar David, Michelangelo começou a trabalhar em um relevo redondo em mármore que representa a Virgem com o Menino Jesus e o pequeno São João Batista. Este *tondo* (termo italiano para pintura ou relevo circular) foi encomendado por Taddeo Taddei, um jovem e rico patrono cuja família havia construído sua fortuna no comércio de lã.



Michelangelo Buonarroti, A Virgem e o Menino com o Menino São João (O “*Taddei Tondo*”), c. 1504-05

Foto: Royal Academy of Arts, Londres, Fotógrafo: Prudence Cuming Associates Limited

Exhibition organised by the Royal Academy of Arts, London, in partnership with Royal Collection Trust and the National Gallery, London

O *Taddei Tondo*, como esta obra é agora conhecida, é um dos exemplos mais importantes de sua categoria. A composição mostra Maria torcendo o corpo para trás enquanto segura o Menino Jesus, que se contorce para fora de seu colo em um movimento espiralado. Observar esse enorme disco de mármore – inacabado, com cada marca do cinzel exposta – ao lado dos de-

senhos de bebês de Michelangelo é perceber a relação entre circularidade e torção em seu trabalho. Seus desenhos capturam movimentos inquietos, dançantes que voam nas páginas.

Outro destaque da mostra é o confronto artístico entre Leonardo e Michelangelo, em desenhos para os murais

das batalhas de Anghiari e Cascina, encomendados para o Palazzo Vecchio. Embora nenhum dos dois tenha completado os trabalhos, os estudos expostos são de uma energia impressionante, com soldados em movimento frenético e cavalos em meio ao caos.

Enquanto Leonardo planejava sua obra, Michelangelo foi incumbido de pintar outra batalha na mesma parede. Provavelmente foi Maquiavel quem teve a ideia de entusiasmar os cidadãos ao colocar Leonardo e Michelangelo para pintar histórias de batalhas florentines. Esse contexto intensificou a rivalidade entre os dois mestres, com provocações e disputas.

No centro da galeria, o momento culminante da exposição: o monumental *Cartoon Burlington House* de Leonardo, um desenho de quase 1,5 m de altura, composto por várias folhas de papel coladas – porque folhas grandes dessa dimensão não estavam disponíveis no início do século XVI. Ele representa a Virgem, o Menino Jesus, Santa Ana e o pequeno São João Batista.

Embora algumas partes, como o braço de Santa Ana, estejam inacabadas, os rostos foram trabalhados em detalhes minuciosos, utilizando carvão e giz com a técnica do *sfumato* – que suaviza contornos e evoca uma atmosfera etérea, característica de Leonardo e seus

Bastiano da Sangallo, segundo Michelangelo Buonarroti, A Batalha de Cascina (“As Banhistas”), c. 1542

Exhibition organised by the Royal Academy of Arts, London, in partnership with Royal Collection Trust and the National Gallery, London





Rafael, A Virgem e o Menino com o Menino São João Batista ("A *Madona Esterhazy*"), c. 1508, Museu de Belas Artes, Budapeste

Exhibition organised by the Royal Academy of Arts, London, in partnership with Royal Collection Trust and the National Gallery, London

seguidores. Esse é o único desenho de grande escala sobrevivente de Leonardo e uma das mais extraordinárias obras em papel da Renascença.

A história desse desenho também é fascinante. Após a morte de Leonardo em 1519, o Cartoon passou por várias mãos até ser adquirido em 1762 por colecionadores escoceses e, posteriormente, pela Royal

Academy de Londres. Em 1962, enfrentando uma crise financeira, a instituição vendeu o desenho à National Gallery por £800.000. Em 1987, a obra foi vandalizada com um tiro de espingarda, mas cuidadosamente restaurada. Desde então, foi emprestada apenas duas vezes, ambas ao Museu do Louvre.

Organizada pela Royal Academy of Arts, em parceria com o Royal Collection Trust e a National Gallery de Londres, a exposição é um tributo ao legado desses gigantes da arte. Cada obra, traço e detalhe revela o diálogo criativo entre Michelangelo, Leonardo e Rafael, nos convidando a explorar suas mentes brilhantes e nos lembrando do poder atemporal da arte renascentista.

SERVIÇO

Michelangelo, Leonard, Raphael:
Florence, c. 1504

Até 16 de fevereiro de 2025

Royal Academy of Arts

Piccadilly, W1J 0BD, London

<https://www.royalacademy.org.uk>



Uma História da Arte Brasileira

Coleções MAM Rio

Exposição realizada para a Cúpula de Líderes do G20 é aberta ao público. Com um panorama diversificado da arte brasileira, desde os anos 1920 até os dias atuais, reúne obras de Adriana Varejão, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Anna Bella Geiger, Antonio Bandeira, Carlos Vergara, Cícero Dias, Cildo Meireles, Di Cavalcanti, Flávio Shiró, Ivan Serpa, Lygia Clark, Mestre Didi, Tarsila do Amaral e Tunga, entre outros





Foto: Fabio Souza

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realiza a exposição *Uma história da arte brasileira – Coleções MAM Rio*, que foi apresentada durante a Cúpula de Líderes do G20, nos dias 18 e 19 de novembro. Inédita, a mostra oferece um percurso pela história da arte moderna e contemporânea brasileiras, por meio do acervo da instituição.

Para a exposição foram selecionadas obras de artistas que protagonizaram as primeiras seis décadas do século 20, período em que a arte brasileira definia um modelo específico de criação, combinando, de modos surpreendentes, linguagens abstratas e figurativas, temas eruditos e populares, e perspectivas tradicionais e cosmopolitas. Destacam-se o modernismo, que se consolidou nas décadas de 1920 e 1940; o concretismo, que emergiu de 1950 a 1960; e o protagonismo continuado de artistas mulheres.

Cerca de 65 pinturas, esculturas e fotografias elaboradas desde a década de 1920 até tempos recentes – contemplando momentos marcantes ao longo da história da arte brasileira – revelam uma pluralidade de perspectivas, temáticas em convivência e diálogo.

A mostra evidencia obras do modernismo, do concretismo e as elaboradas a partir dos anos 1960, engajadas em denúncias da ditadura militar e críticas de uma realidade conflituosa. Notam-se linguagens artísticas alinhadas com formas de cultura tradicional, como presença constante e contraponto a práticas que se identificam como experimentais, bem como novas aproximações à figuração e à abstração nas quais as possibilidades se multiplicam.

Entre os artistas selecionados estão Adriana Varejão, Amilcar de Castro, Anita Malfatti, Anna Bella Geiger,

Anna Maria Maiolino, Antonio Bandeira, Antonio Dias, Arjan Martins, Ascânio MMM, Candido Portinari, Carlos Carvalho, Carlos Vergara, Carlos Zilio, Cícero Dias, Cildo Meireles, Cristiano Mascaro, Djanira, Éder Oliveira, Edival Ramosa, Elisa Martins da Silveira, Emiliano Di Cavalcanti, Evandro Teixeira, Fayga Ostrower, Felícia Leirner, Flávio de Carvalho, Flávio Shiró, Francisco da Silva, Frans Krajcberg, Gilvan Samico, Glauco Rodrigues, Iole de Freitas, Ione Saldanha, Ivan Moraes, Ivan Serpa, João Urban, Lito Cavalcanti, Lúcia Laguna, Luiz Braga, Lygia Clark, Lygia Pape, Manabu Mabe, Marcos Bonisson, Maria do Carmo Secco, Maria Leontina, Mario Cravo Junior, Mestre Didi, Nair Benedicto, Raymundo Colares, Rubens Gerchman, Salomon Cytrynowicz, Sebastião Salgado, Tarsila do Amaral, Thomaz Farkas, Tomie Ohtake, Tunga, Véio, Walter Firmo, Waltercio Caldas e Wanda Pimentel.

“A exposição apresenta um panorama diversificado e às vezes inesperado da arte brasileira, desde os anos 1920 até o presente. As obras do acervo, algumas icônicas e outras menos conhecidas, foram selecionadas com ênfase na produção de artistas mulheres e de geografias múltiplas”, contam Pablo Lafuente e Raquel Barreto, diretor-artístico e curadora do MAM Rio, respectivamente.

Com mais de 75 anos de história, o MAM Rio marcou os caminhos da arte brasileira dos séculos 20 e 21 com suas exposições e programas, entendendo sempre a arte e a cultura a partir de sua função social educativa e de construção de cidadania. A coleção do museu inclui mais de 16.000 obras que refletem a diversidade e a riqueza da arte brasileira.

A exposição *Uma história da Arte Brasileira – Coleções MAM Rio* é patrocinada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

SERVIÇO

Uma história da Arte Brasileira – Coleções MAM Rio

Abertura pública: domingo, 1º de dezembro

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo,
Rio de Janeiro / RJ | Tel.: (21) 3883-5600

Website: <https://www.mam.rio/>

Dias/Horários: de quarta a domingo (incluindo feriados),
das 10h às 18h – aos domingos, das 10h às 11h, visitação
exclusiva para pessoas com deficiência intelectual

Ingressos:

Contribuição sugerida, com opção de acesso gratuito

Adultos: R\$ 20 | Crianças, estudantes e +60: R\$ 10

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos

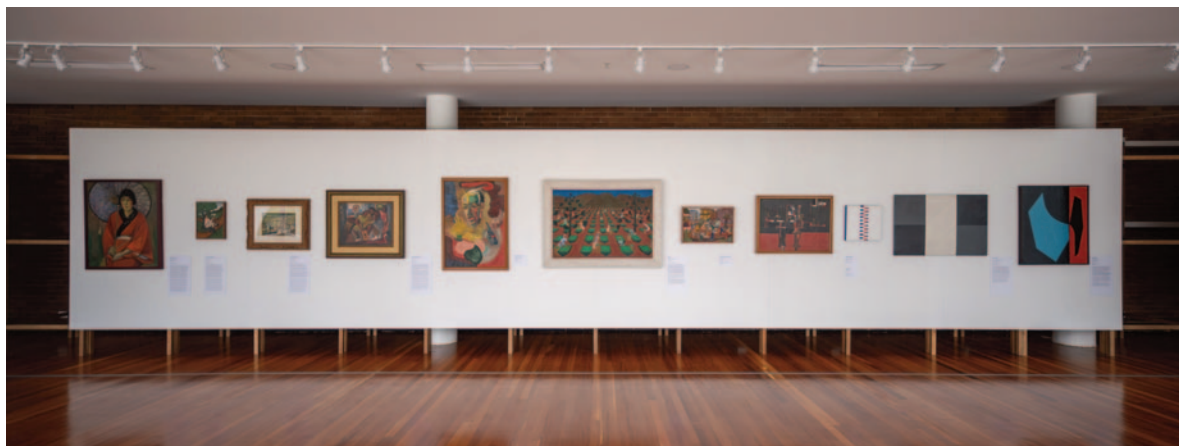


Foto: Fabio Souza



Raso da Catarina

ASSIM É SE LHE PARECE

Mostra de Antonio Augusto Fontes revela seu olhar pessoal sobre o mundo e a linguagem fotográfica, em exposição na Galeria da Gávea, RJ

Com curadoria de João Farkas, a exposição reúne 60 imagens que reforçam a visão de um dos mais atuantes fotógrafos brasileiros. Fiel até hoje ao analógico, Antonio Augusto Fontes, que teve sua carreira consolidada a partir dos anos 1980, é autor da série icônica *Raso da Catarina*, produzida no sertão da Bahia. Alguns exemplares da série fazem parte da mostra que abrange variados temas retratados em preto e branco com o apuro técnico característico do fotógrafo.

"Nesta exposição mostramos a visão do Antonio Augusto para a linguagem fotográfica. Não estou falando do que já foi visto e publicado, mas do que chama atenção hoje pela sua característica de um olhar pessoal sobre o mundo, aquilo que nos tira da visão já construída sobre a fotografia", diz João Farkas.

Além de exemplares da série *Raso da Catarina* e de seu desdobramento, *Sertão ao Quadrado*, a exposição reúne trabalhos feitos em três países: Estados Unidos, onde residiu por alguns anos na década de 1970 para estudar fotografia, antropologia e história da arte, registrando a contracultura e os protestos contra a Guerra do Vietnã; França, para onde viajou depois de ganhar o prêmio Eugène Atget, com a



Hippie no Central Park, NY



Le déjeuner sur l'herbe, Central Park, NY



Sem título – USA

missão, junto a fotografos de outros países, de retratar Paris através do olhar estrangeiro (*"um verdadeiro desafio na que é provavelmente a cidade mais bem fotografada do mundo"*, diz ele); e China.

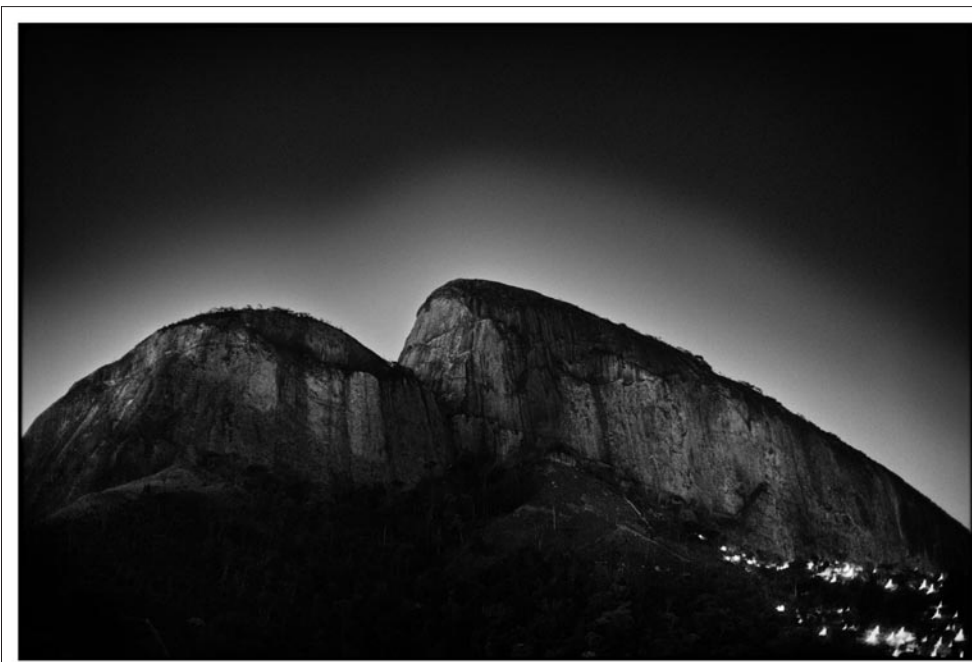
Há ainda imagens do Rio de Janeiro que fogem ao clichê (como um registro do Morro Dois Irmãos muito diferente daquele que se vê habitualmente das praias de Ipanema e Leblon); retratos de personalidades da cultura brasileira, como o poeta João Cabral de Melo Neto, o cineasta Glauber Rocha, a escritora Nélida Pinon, o fotógrafo Walter Firmo, e o compositor e es-



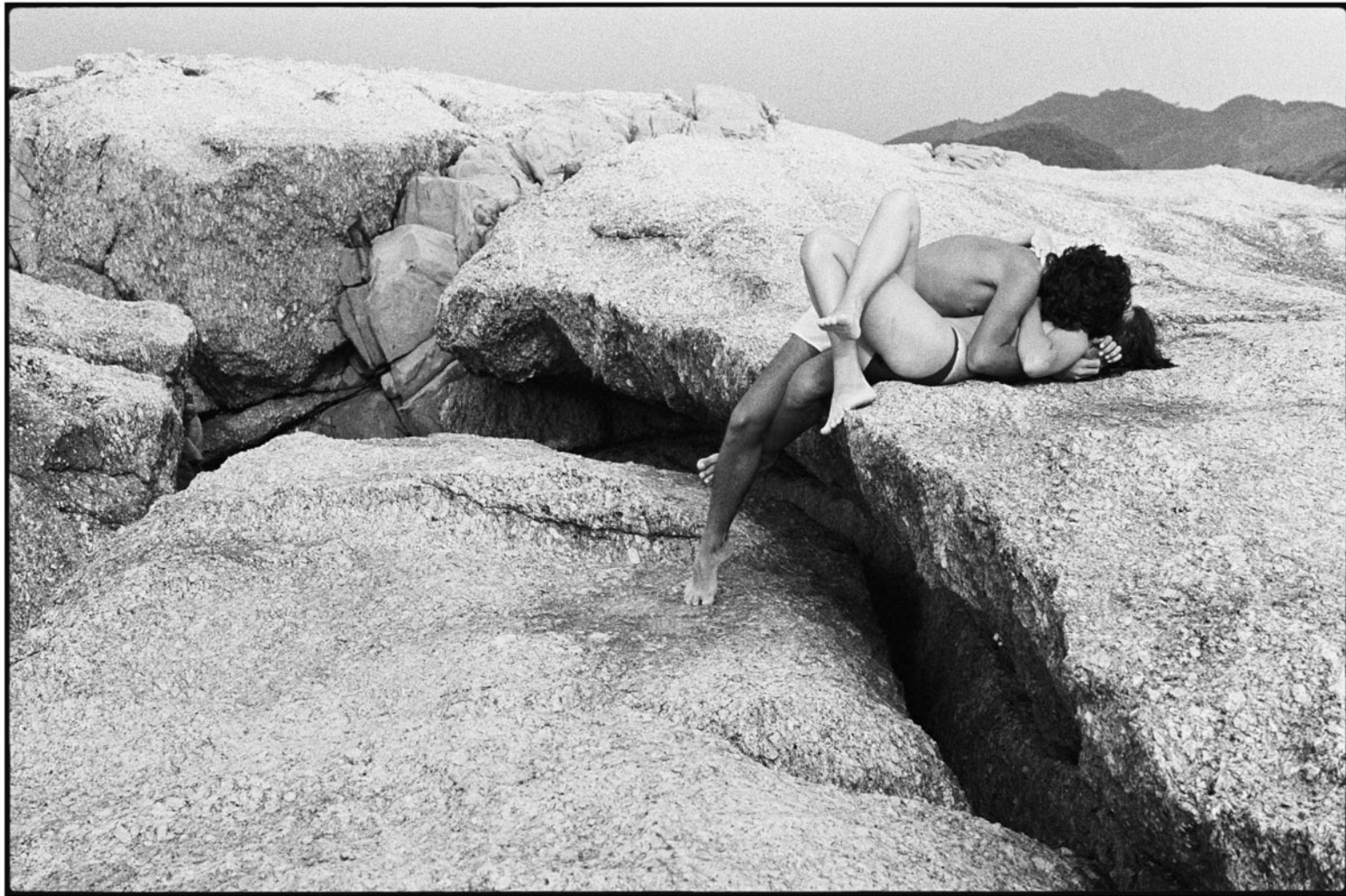
Cowboy na China

critor Chico Buarque; e também fotografias de corpos – de pessoas na praia, especialmente Praia Formosa, no seu estado natal, e corpos nus.

O olhar que se desloca para várias direções, que busca o que há de especial em cada assunto, tem razão de ser. Para Antonio Augusto Fontes, o estilo pode ser uma prisão. *"Millôr Fernandes tem uma frase sobre ele mesmo de que gosto muito: 'Enfim, um escritor sem estilo'. Porque o estilo pode limitar o alcance visual de um fotógrafo. Muitas vezes o fotógrafo fica preso a seu próprio olhar, algo meio narcísico"*, diz.



Dois Irmãos



Piratininga

A mostra exhibe o amplo espectro de interesses de Antonio Augusto Fontes, que abandonou o curso de Engenharia Mecânica na Universidade Federal da Paraíba depois de se encantar por um ensaio do francês Henri Cartier-Bresson publicado na revista Manchete. *"Cartier-Bresson é o culpado por eu ter descoberto minha vocação"*, brinca.

"A fotografia é muito eclética, ela transita muito bem entre documentação e expressão. É difícil dizer se foi a prática da fotografia que engendrou o pensamento de Fontes sobre fotografia ou se é o pensamento dele

sobre fotografia que ilumina as imagens que ele produz. Muito provavelmente é uma relação dialética, que uma coisa vai formando a outra", afirma Farkas em um curto vídeo sobre o fotógrafo que faz parte da mostra.

A reprodução de um pequeno laboratório fotográfico completa a exposição, reforçando a opção de Antonio Augusto Fontes pelo analógico em detrimento do digital, plataforma para a qual a quase totalidade dos profissionais da área migrou e que ele rejeita ardentemente, tendo feito do laboratório de sua casa um local *"de trabalho, meditação e devoção"*.

SOBRE ANTONIO AUGUSTO FONTES

Antonio Augusto Sales Fontes nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 1948. Estudou engenharia na Universidade Federal da Paraíba, mas não chegou a se formar. De 1970 a 1973, morou nos Estados Unidos, onde estudou fotografia no *New York Institute of Photography* e antropologia e história da arte no *Manchester College*. De volta ao Brasil, em 1974, fixou-se no Rio de Janeiro, iniciando carreira como fotógrafo profissional. Nos anos 1980 trabalhou para diversas revistas informativas, entre elas *Veja*, *Exame* e *Isto É*, antes de se decidir pela atuação independente no campo da fotografia documental, nos anos 1990.

Entre 1975 e 1980 atuou como consultor técnico do Arquivo Fotográfico do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas e do Arquivo Nacional. Dedicou-se também à fotografia de expressão pessoal. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Eugène Atget, promovido pela Air France, pela Prefeitura de Paris e Paris Audiovisuel (1984), e o prêmio Marc Ferrez de Fotografia (1991), para desenvolvimento do ensaio fotográfico *Rio de Janeiro: um olhar cego sobre a cidade*. Suas obras integram importantes acervos, como a Coleção Pirelli/Masp de Fotografias (São Paulo, SP) e a Coleção Joaquim Paiva (MAM-Rio).

SERVIÇO

Assim é se lhe parece
Fotografias de Antonio Augusto Fontes

Até 28 de fevereiro de 2025

Galeria da Gávea

Rua Marquês de São Vicente, 432 - Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h

(não abrirá dias 24/12, 25/12, 31/12 e 01/01/2025)

www.galeriadagavea.com.br



Adão e Eva

ARTISTAS DO VESTIR: UMA COSTURA DOS AFETOS



Alexandre Hebert

Foto: Letícia Vieira/Itaú Cultural

No Itaú Cultural, SP, uma exposição de moda que expande essa linguagem para uma diversidade de suportes e temas, pensando no segmento de maneira plural, como arte, política e forma de ser e estar no mundo

Até 23 de fevereiro de 2025, a exposição *Artistas do vestir: uma costura dos afetos* se estende pelos três andares do espaço expositivo do Itaú Cultural (IC) para abrigar mais de 80 peças de mais de 70 artistas – 10 delas comissionadas, sendo quatro criadas exclusivamente para a mostra e seis exibidas pela primeira vez para o público brasileiro. Em sinergia com a mostra, o Núcleo de Criação e Plataformas programou mostra de filmes na Itaú Cultural Play, abordando essa temática.

Com concepção e realização da equipe do IC e curadoria de Carol Barreto e Hanayrá Negreiros, a mostra perpassa grupos diversos do pensar e fazer moda brasileira. Cada um dos pisos é batizado por um tema – *Ancestralidades*, *Contemporaneidades* e *Fazeres Contínuos* –, mas todos se conectam e dialogam sem hierarquias ou cronologia.

“A moda é o assunto principal da exposição, mas não é só. Pensamos no tema como linguagem expandida em diversos suportes artísticos de maneira plural e diversa”, diz Hanayrá. “Não temos pretensão de dar conta de todo o assunto, mas queremos colocar o debate de como a moda é, por um lado, esse ambiente que nos proporciona uma sensação de afetividade e, por outro, uma maneira crítica de pensar problemas estruturais que existem no Brasil”, completa.

Para Carol, a mostra procura visibilizar e construir essa ponte com o trabalho de pessoas que não são vistas como fazedoras de moda, mas que sustentam o saber fazer nesse campo. *“O debate central da exposição é a intelectualidade manual que alicerça o campo da moda e é espaço de exploração. São costureiras, bordadeiras,*



“pessoas que interpretam nossos croquis para modelagem, dentre outras. Nós dependemos delas”, completa.

ANCESTRALIDADES

No Piso 1 encontra-se o eixo *Ancestralidades*, ou *núcleo de famílias artísticas*, como as curadoras nomeiam. Ele tem foco em obras e artistas que trabalham com temáticas e grupos ancestrais, em um amplo leque de nomes, como as Bordadeiras do Curtume do Vale do Jequitinhonha, Angela Brito, Ekedy Sinha, Fernanda Yamamoto e Lino Villaventura. É por aqui que passa boa parte dos afetos e das memórias propostas pelas curadoras.

Este andar apresenta, por exemplo, a indumentária original de Rainha de Nossa Senhora das Mercês, usada pela poeta, ensaísta, dramaturga e professora Leda Maria Martins no Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, em Minas Gerais.

No mesmo espaço, o público encontra outros trajes de respeito ancestral e memorial. Um deles é *Asò Orisà*, obra comissionada em reedição de Ekedy Sinha, do Terreiro da Casa Branca, a primeira casa de candomblé do Brasil, situada em Salvador na Bahia. Trata-se da roupa de Iyalorixá na nação Ketu (sacerdotisa de matriz africana de origem lorubá) usada por uma mãe de santo, uma das mais importantes expressões de religiosidade no candomblé. Feita em tecido branco com bordados em richelieu, a peça reflete a estética ancestral do Terreiro da Casa Branca, do qual a artista é integrante.

Respeitosamente, ela divide espaço no andar com *Oxalá usa ekodidé – Cortejo Afro*, peça do também baiano Alberto Pitta inspirada em Oxalá (Oxalufã ou



Manto Lino Villaventura

Foto: André Seiti

Oxalá). Ela foi confeccionada em 2022 como indumentária do Bloco de Carnaval, que nasceu na comunidade do Ilê Axé Oyá, idealizado pelo artista plástico há mais de 40 anos e onde se desenvolvem trabalhos ligados à estética e cultura africana.

A maior obra deste piso, também comissionada e em reedição, é de Goya Lopes e se estende do térreo para este andar. São três tecidos de 7m x 1,4m cada um – *Dia e Noite*; *Tecendo o destino* e *Teares*, todos de 2022. O propósito da designer e artista, que completa 50 anos de carreira em 2024, sempre foi divulgar a cultura afro-brasileira com arte na moda e em um movimento de



Foto: André Seiti

brasilidade, introduzindo a temática da ancestralidade por uma ótica de conhecimento e autoconhecimento.

Ao lado de trabalhos de Lino Villaventura e de Fernanda Yamamoto – esta em parceria com a Comunidade Yuba –, encontra-se *Connection*, obra confeccionada pela gaúcha Anne Anicet, uma das artistas comissionadas na mostra, e seu Atelier Contextura especialmente para a exposição. O seu trabalho remete à necessidade de reconstrução de sua cidade e estado, que, neste ano, passaram pela maior catástrofe ambiental de suas histórias. A peça apresentada é inspirada nas árvores, que, quando são abraçadas, garantem conexão com a natureza.

De Karlla Giroto (SP), também inédita e comissionada, tem *A terra é a pele da Terra*. Aqui, a artista faz peças pintadas com a terra da cidade de Igatu na Chapada Diamantina, Bahia, e inspiradas na prática da bisavó de recolher as meias rasgadas da família para rechear almofadas e edredons. Ainda navegando pela memória,

a baiana Juliana Fonseca criou *Corpo vazio* para a mostra. Trata-se de uma peça, de acordo com ela, nascida de questionamentos dos corpos, como forma de comunicar e sentir o corpo preenchido, construída com cordas, fios de seda e barro da cidade de Maragogipinho no Recôncavo Baiano.

Cerrado Kalunga e Capa Boiadeiro protegido, da goiana Naya Violeta, criadora de moda afrocentrada; *Frestas III*, de Silvana Mendes; uma projeção de Rosana Paulino revelando o seu trabalho têxtil e manual; e uma série de adereços da paraense Irekran Kaiapó, mulher indígena idosa, integrante da comunidade da aldeia kubêkrâkej, confeccionados com o conhecimento cultural transmitido para ela por sua mãe, tias e avós, completam esse segmento.

CONTEMPORANEIDADES

No piso -1, os trabalhos expostos sob o título abordam temas atuais, discussões diretamente ligadas a ques-

tões políticas, de gênero, raciais e performáticas, em uma mescla de nomes mais conhecidos da esfera da moda brasileira com outros independentes e alternativos – entre eles, Alexandre Herchcovitch, Dudu Bertholini, Rita Comparato, Fause Hatén, Rober Dognani, Jal Vieira, João Pimenta, Lab Fantasma, Sioduhi e Vicenta Perrota.

Neste andar encontram-se *Poéticas Agenders Afro Futuristase* – do mineiro Fábio Costa da marca *Not Equal* – obra realizada a partir de pesquisa feita em Inteligência Artificial para ajudar a construir a coreografia de uma África nunca colonizada; e *Memória é resistência: Sertão é dentro da gente* – trabalho apresentado por Dayana Molina, da *Nalimo*, criadora dos povos Aymara e Fulni-ô. Essa obra integra a coleção *Capibaribe* – da cidade ao sertão e remete à origem de pessoas indígenas do sertão pernambucano.

No mesmo piso, estão *Ovos de cobra*, de Sioduhi, nascido na comunidade indígena Mariwá, às margens do Uaupés, afluente do Rio Negro, no Amazonas. O artista conta que, por meio da moda, espalha as histórias que ouviu quando era criança. A peça apresentada foi desenvolvida em São Gabriel da Cachoeira (AM) com a Associação das Artesãs Indígenas (Assai), formada por mais de 15 mulheres. *Viga*, por sua vez, é mais uma obra comissionada e inédita, fruto de uma pesquisa de Jal Vieira sobre o afrossurrealismo, com uma experimentação de técnicas, formas disformes e materiais que provocam uma visão mais ampliada sobre o conceito de objetos vestíveis feitos por mulheres negras.



Fotos: André Seiti



Do paulistano Fause Hatén, *Máscara branca*, entre outras, feita por ele em 2016, a partir de uma camisa do desfile *Marrocos*, de 2007, que estava guardada no seu acervo e, liberta do armário, virou uma nova obra que se sobrepôs à obra inicial em uma nova camada. De Jorge Feitosa, Objeto modular vestível *SULANCA*, fruto de uma ação coletiva ocorrida em uma oficina, tem aplicação de zíperes destacáveis nas bordas e possibilita diferentes configurações.

Vittor Sinistra traz uma reflexão sobre o conceito de loucura para as suas criações, como se vê em *Veneno*, de 2024. O artista trabalhou na área de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS) e o trabalho com moda e arte o ajudou a processar as experiências com saúde mental que ainda ecoam em sua cabeça e se traduzem em peças e desfiles performáticos que ampliam os limites de gênero, sexualidade e raça.

Estandarte explosão, peça de Leandro Castro, de 2023, foi realizada a partir de processos híbridos de modelagem bi e tridimensional, interpretando a anatomia física de explosões e foi confeccionada com a utilização de resíduos têxteis automotivos.

FAZERES CONTÍNUOS

O piso -2 remete aos fazeres, desenhos e costuras con-

tínuos de um ateliê de moda. É também um espaço para acolher performances, esculturas têxteis e oficinas, que serão organizadas pela equipe de educativa de mediação cultural e relacionamento do Itaú Cultural.

Chama a atenção a peça *Lembrança 1984*, de 200 x 200cm confeccionada pelo pernambucano Ellias Kalebe, reeditada para esta exposição em comissionamento do IC. Trata-se de um vestido-instalação no qual estão impressas as cartas trocadas por seus pais quando namoravam, em 1980, antes de seu nascimento. Segundo o artista, esta é uma maneira de dar forma aos sentimentos por meio da costura.

Pardo é Papel: primeiro contato é uma peça de 2020, de Maxwell Alexandre com dimensões e técnicas variadas, como acrílica, betume, caneta esferográfica,

Uýra Sodoma, *Lama*, 2017

Foto: Keila Sankofa



carvão, fita crepe, grafite, graxa e pastel seco sobre papel pardo. Fruto de sua residência artística no *Al Maaden Museum of Contemporary African Art* (MACAAL), em Marrakech, é composta por mais de 30 desenhos em papel pardo, representando pessoas negras e jovens em recortes com formato de moldes de roupa e agora vista pela primeira vez no Brasil.

Neste andar também se encontra uma escultura vestível de Jum Nakao, que demonstra o processo de confecção da modelagem, do manequim até o papel. Com a proposta de ampliar o acesso ao seu trabalho e compromisso com o saber-fazer na área da modelagem, Jum disponibiliza cópias do molde para o público, em uma prática de estímulo aos Fazeres Contínuos que caracterizam este piso.

Para citar mais uma, entre as diversas peças deste piso, *Corpus – Reciclar e vestir* é assinada pela baiana Claudia Soares, que se dedica às manualidades artesanais, às artes visuais, à academia e às tecnologias digitais. As peças surgiram de resíduos de sacolas plásticas que seriam descartadas como lixo. Ela é inédita e é a única que está na categoria site specific.

O piso conta ainda com uma projeção audiovisual produzida pela própria equipe do Itaú Cultural. O vídeo – de cerca de 10 minutos – apresenta imagens que enfatizam o valor da manualidade nos processos dentro dos ateliês. As imagens foram gravadas nos ateliês de Alexandre Heberte, Claudia Soares, Dayana Molina, Ekedy Sinha, Elias Kaleb, Fernanda Yamamoto, Goya Lopes, Heloisa Strobel, Juliana Fonseca e Jum Nakao.

PROGRAMAÇÃO PARALELA

Na Itaú Cultural Play, plataforma gratuita de streaming do cinema brasileiro, uma programação em sinergia com a mostra disponibiliza filmes que dialogam com a moda e o vestir. São eles: *Ôrí*, filme de Raquel Gerber, com narração da historiadora negra Beatriz Nascimento, realizado em 1989; *Favela é moda*, de Emílio Domingos, e *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*, de Marcelo Gomes, ambos de 2019; *O ponto firme*, de Laura Artigas (2020) e *A costura do invisível*, vídeo com registros do icônico desfile de objetos vestíveis feitos em papel apresentado por Jum Nakao no São Paulo Fashion Week (SPFW), em 2004.

SERVIÇO

Artistas do vestir: uma costura dos afetos

Até 23 de fevereiro de 2025

Itaú Cultural – Pisos 1, -1 e -2

Avenida Paulista, 149, próximo à estação de metrô Brigadeiro, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça-feira a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados das 11h às 19h

Entrada gratuita

Acesso para pessoas com deficiência física

Estacionamento: entrada pela Rua Leôncio de Carvalho, 108, Com manobrista e seguro; gratuito para bicicletas.

www.itaucultural.org.br



Foto: André Seiti



Moara Tupinambá

Foto: Divulgação

ATLÂNTICO FLORESTA NO MUSEU DE ARTE DO RIO

*Mostra celebra a riqueza cultural do Brasil e amplifica
vozes historicamente silenciadas, dando maior destaque às obras
de artistas afro-brasileiros e indígenas de seu próprio acervo*

Atlântico Floresta reúne obras de importantes artistas brasileiros, colocando-as em diálogo com as imagens fabulares da afro-diáspora e das expressões visuais dos

povos originários. Ao cruzar fronteiras culturais e narrativas ancestrais, a mostra anuncia a riqueza do país assim como a necessidade de resistência das identi-

dades que moldam o Brasil. A histórica relação com o oceano Atlântico e a floresta Amazônica, as causas vinculadas às questões da terra como resistência e protesto e a celebração da cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas são os temas das narrativas que chegam ao mais carioca dos museus.

Com curadoria de Marcelo Campos, Amanda Bonan, Amanda Rezende, Thayná Trindade e Jean Carlos Azuos, a mostra é uma ampliação e um desdobramento da exposição *“Atlântico Vermelho”* que foi inaugurada em 16 de abril de 2024, em Genebra, na Suíça. Foi a primeira vez que uma exposição ocorreu durante o Fórum Permanente de Afrodescendentes da ONU, considerado o evento mais importante das Nações Unidas sobre a questão étnico-racial.

O Museu de Arte do Rio se consolida como uma referência cultural nacional e internacional, sublinhando a importância de *Atlântico Floresta* na promoção do debate sobre a resistência dos povos cujas histórias foram apagadas. *“Dentro das obras temos pautas como a condição de uma relação das cosmo percepções tanto indígenas quanto afro brasileiras. Temos também a reflexão sobre esse Atlântico, esse mar, tão sangrento, que foi palco e cenário de tanta atrocidade; por outro lado, a reflexão sobre a própria floresta, os modos como você pode conviver, lidar e viver dentro de uma floresta. E ainda os modos como isso tudo pode ser apropriado por estrangeiros, por quem chega, por invasores, como aconteceu com frequência na história do Brasil. Um país que tem dois elementos da sua geografia, o oceano e a floresta, como ponto de muita reflexão. Do oceano vieram nossos parentes africanos,*

e na floresta residiam nossos parentes indígenas, isso é o que norteia a exposição”, diz Marcelo Campos, Curador Chefe do MAR.

Cerca de 160 obras entre pinturas, fotografias, desenhos, esculturas, manufaturas têxteis e vídeos estão na mostra – mais de 90% dessas obras fazem parte da Coleção MAR. O acervo do Museu de Arte do Rio conta com mais de 30 mil itens museológicos e cresce a cada ano com as doações recebidas. Entre os artistas que participam de *Atlântico Floresta* estão Rosana Paulino, Jaime Lauriano, Jaider Esbell, Lidia Lisboa, Denilson Baniwa, Ayrson Heráclito, Nádia Taquary, Xadalu Jekupé Tupã, Dalton Paula, Menegildo Isaka Huin Kuin, André Vargas, Maré de Mattos, Grupo Karajá, Yhuri Cruz, Gustavo Caboco e Ventura Profana.

SERVIÇO

Atlântico Floresta

Até 23 de fevereiro de 2025

Museu de Arte do Rio – MAR

Praça Mauá, 5, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça-feira a domingo

Ingresso na bilheteria e/ou totens: de 10h30 às 17h

Visitação ao pavilhão de exposições:

de 11h às 18h (última entrada às 17h)

Terças-feiras gratuitas

<https://museudeartedorio.org.br/visite/horarios-e-ingresso/>



Marvila
Araujo
Foto:
Divulgação

O OLHO
DA NOITE:
um
“planetário”
de
JEAN-MICHEL
OTHONIEL
especialmente
projetado
para o
MON,
Curitiba,
em
homenagem
a
Oscar
Niemeyer





Foto: Claire Dorn Perrotin

“O Olho da Noite”, do artista francês Jean-Michel Othoniel, é a grande exposição internacional do Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba. A mostra conta com obras no Olho, nos Espaços Araucária 1 e 2 e na área externa (espelho d’água). A curadoria é de Marc Pottier.

“Cada mostra realizada pelo MON em seu icônico Olho é singular. O que o público vê é sempre a soma do talento de um grande artista, neste caso, o contemporâneo francês Jean-Michel Othoniel, com um espaço expositivo único e deslumbrante, considerado por si só uma obra de arte, projetada pelo mestre Oscar Niemeyer”, explica a diretora-presidente do MON, Juliana Vosnika.

A diretora revela que o artista transformou a sala expositiva numa espécie de grande planetário, com os signos do zodíaco flutuando em forma de 12 esculturas em vidro soprado. No chão, o público vê um mar de tijolos de vidros azuis que refletem, ao mesmo tempo, a constelação e o arco imaginado pelo arquiteto, numa combinação surpreendente.

“Como se não coubesse apenas dentro do espaço expositivo do Museu, a obra de Othoniel extravasa. Aos pés do prédio do Olho, o público vê grandes esculturas abstratas, inspiradas em flores, que flutuam no espelho d’água, causando um efeito surreal”, diz Juliana. Ela explica que essa vem sendo uma premissa do

Museu: romper limites físicos e extrapolar os locais originalmente destinados às exposições, invadindo outros espaços.

No total, a mostra apresenta 25 obras em grandes dimensões. As esculturas são compostas por materiais diversos: vidro espelhado e aço inoxidável, vidro espelhado e madeira, e aço e folhas douradas.

O OLHO DA NOITE

O curador Marc Pottier revela que o título da exposição evoca o formato do prédio onde está a sala expositiva.

“O edifício excepcional e este ‘olho’ elevado, construído por Niemeyer, é um lugar muito mais complexo do que parece, apesar da simplicidade do seu design”, comenta. “O teto é curvo e as paredes de ambos os lados são de vidro, como se estivessem suspensas acima do solo”.

Pottier explica a opção de instalar grandes esculturas abstratas, inspiradas em flores, no espelho d’água externo. *“Assim como a construção de Niemeyer, que seria inspirada na Araucária, árvore simbólica da região paranaense, ele fez questão de que seus lótus subissem acima da água exibindo seus reflexos”, diz. “Essas es-*

Foto: Claire Dorn Perrotin



culturas, que são monumentais, parecem relativamente pequenas em comparação com o gigantismo do edifício e são uma homenagem à paixão de Niemeyer pela botânica”.

Jean-Michel Othoniel conta que, quando era um jovem artista, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Oscar Niemeyer, na casa do arquiteto, no Rio de Janeiro. *“A lembrança de contemplar as estrelas com ele através de uma grande janela, como se estivesse de frente para o universo curvo de Brasília, deixou uma profunda impressão em mim”, diz. “Foi nessa memória poética que minha primeira grande exposição individual no Brasil foi construída”, afirma o artista.*

O ARTISTA

Jean-Michel Othoniel (França, 1964) vive e trabalha em Paris. Multidisciplinar, atuou em diversas áreas: do desenho à escultura, da instalação à fotografia e da escrita à performance. Em 1993, começou a usar o vidro, que se tornou sua marca registrada.

Desde a primeira encomenda pública em Paris, em 2000, *“Le Kiosque des Noctambules”*, o seu trabalho tem sido exibido tanto em museus como em espaços públicos. Entre eles, o projeto de esculturas de fontes em vidro dourado nos jardins do Château de Versailles, *“Les Belles Danses”*, e *“Alfa”*, uma instalação para o novo Museu Nacional do Qatar, com 114 esculturas de fontes. Em 2019, uma nova série de pinturas entrou na coleção permanente do Museu do Louvre.

Jean-Michel Othoniel realizou exposições em todo o mundo desde a sua participação na Documenta de Kassel em 1992. Teve uma importante retrospectiva no Centre Georges Pompidou, em Paris – *“My Way”* –, que foi exposta no *Leeum Samsung Museum of Art/Plateau*, em Seul; no Museu Hara de Arte Contemporânea, em Tóquio; no Museu de Arte de Macau, e no Museu do Brooklyn, em Nova Iorque. Nos últimos anos, Othoniel expôs em museus e jardins no Petit Palais, em Paris; no Museu de Arte de Seul e no Jardim Botânico do Brooklyn.

SERVIÇO

“O Olho da Noite” – Jean-Michel Othoniel

Até 25 de maio de 2025

Museu Oscar Niemeyer – Olho, Espaços Araucária e área externa (espelho d’água)

Rua Marechal Hermes, 999, Centro Cívico, Curitiba /PR

Dias/Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h

www.museuoscarniemeyer.org.br



Foto: Claire Dom Perrotin



Foto: Divulgação

TERRITÓRIOS POSSÍVEIS – PAISAGENS INSÓLITAS



Fotos: Divulgação



Uma instalação com 1.200 obras, que levou seis anos para ser concluída, 19 pinturas e 20 desenhos, trabalhos produzidos entre 2022 e 2024, integram a individual inédita de Petrillo no Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro

A investigação do artista visual Petrillo sobre as possibilidades de paisagens/lugares foi o que deu origem a sua nova mostra individual, *“Territórios Possíveis – paisagens insólitas”*, que ocupa o Centro Cultural Correios, no Centro do Rio. A pesquisa integra seu repertório visual e imagético, que parte da referência de imagens e fotografias reais. Fazendo uma proposição da recriação da espacialidade, Petrillo observa a sua topografia e recria imagens e paisagens inexistentes, lugares por ele idealizados.

Com trabalhos produzidos de 2022 a 2024, a exposição reúne 19 pinturas da série *“Territórios Possíveis”* – a maioria em técnica mista sobre telas de grandes formatos (sendo um díptico em têmpera sobre tela) –, 20 desenhos da série *“Topografias Reconstituídas”* (alguns em dobraduras, outros utilizando técnica mista sobre papel) e a grande instalação *“Territórios Reconstituídos”*, composta por cerca de 1.200 desenhos de pe-

quenos formatos em caixas acrílicas de CD, tendo demorado seis anos para ser finalizada.

“Esses trabalhos são fruto de uma pesquisa que venho realizando há algum tempo e são bastante pautados na questão da espacialidade e nos estudos de espaço e lugares propriamente ditos. Comecei a observar a questão das curvas de nível influenciado pela faculdade de Arquitetura, onde dou aulas de desenho. Todo esse processo foi desembocar agora: ressignificando as ‘voçorocas’ (afundamento de solo), acenando também para uma preocupação ecológica e como uma pequena denúncia sobre o que o homem está fazendo na degradação do meio ambiente. Ressignifico não apenas as paisagens que pura e simplesmente vemos, mas também expresso algo mais visceral e impulsivo, a paisagem que está dentro do imaginário de cada um. As manchas nas pinturas são intencionais, vou colocando camadas sobre camadas, nada é aleatório”, afirma Petrillo.



Marcus de Lontra Costa assina o texto crítico “*Várias Paisagens*”, onde discorre sobre o processo de criação e realização das obras.

VÁRIAS PAISAGENS

Marcus de Lontra Costa

Toda obra de arte, em especial a pintura, é o resultado de um longo processo de articulações mentais e técnicas. A imagem que vemos diante de nós é antes de tudo o resultado de uma construção, “tijolo por tijolo num desenho mágico”, e revela as ferramentas com as quais o artista se comunica com o mundo.

Assim as obras de Petrillo apresentadas nessa mostra nos oferecem várias camadas de leitura. A sua proximidade com a atividade arquitetônica determina o processo de pesquisa do artista, a partir de uma composição gráfica e espacial que estrutura toda a sua estratégia criativa.

De suas heranças modernistas ele extrai a ordem e a racionalidade gráfica sobre a qual outras camadas são acrescentadas. A paisagem aqui é fragmentada e seus recortes propõem novas e instigantes leituras do real. Das vanguardas históricas, Petrillo dialoga poeticamente com a abstração geométrica e com a tensão informal. Tudo

aqui atua no sentido de construção de uma beleza filha da clareza, da ordem e da elegância. Essa estratégia encontra referência histórica nas obras de Ivan Serpa, onde o gesto informal revelava, num olhar mais apurado, o perfeito controle das manchas pictóricas.

A pintura de Petrillo recusa o olhar apressado. Ela se oferece ao nosso olhar de maneira discreta e elegante. O tempo conspira a seu favor. A pincelada incisiva, os tons terrosos revelam sutilezas cromáticas e um certo silêncio muitas vezes necessário em épocas de tanta turbulência. Seja na pintura ou nos desenhos Petrillo se apropria de imagens do mundo, fragmentos da paisagem para criar com eles sequências e equações que fazem da arte uma ferramenta poderosa de integração do mundo e de seus encantamentos.

SOBRE O ARTISTA

José Augusto Petrillo nasceu em 1975, em Valença (RJ). É graduado em Artes pela UFJF; professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design de interiores na UniAcademia; diretor, curador e professor da Hiato Ambiente de Arte – polo aglutinador de atividades de oficina de artes visuais, galeria de arte e atelier, em Juiz de Fora, MG, cidade onde vive. Petrillo começou suas atividades artísticas, trabalhando inicialmente com desenho, aos 11anos; aos 15 fez sua primeira exposição individual de pinturas e, em 1993, com 17 anos, ganhou seu primeiro prêmio, no Salão de Artes do Museu de Arte Moderna de Resende (RJ). Já participou de 26 exposições individuais, em espaços como o Museu Nacional de Belas Artes (RJ), Centro Cultural da Justiça

Federal (RJ), Museu Nacional dos Correios (Brasília). Entre as mais de 30 mostras coletivas, expôs no MAM (RJ), no Consórcio de Arte Buenos Aires (Argentina) e na Fundação Caloustre Gulbenkian, em Lisboa, por ocasião do Congresso Luso Brasileiro *“Brasil-Portugal: Memórias e Registro”* em comemoração dos 500 anos dos descobrimentos.

SERVIÇO

“Territórios Possíveis – paisagens insólitas” – Petrillo

Até 11 de janeiro de 2025

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

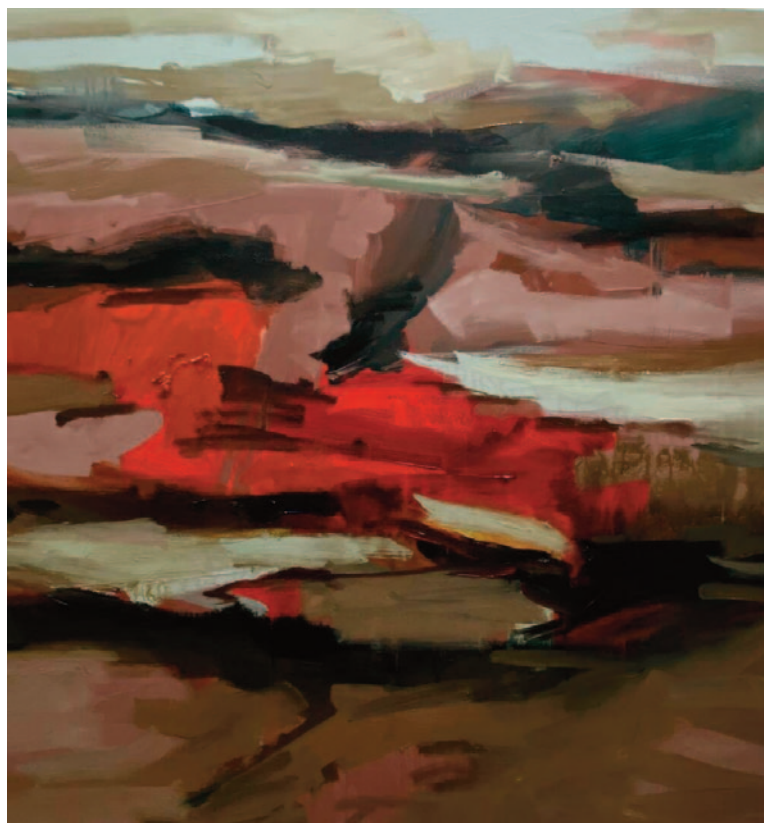


Foto: Divulgação

Tempos e lugares marcam exposição de Paulo Nazareth no Inhotim



Primavera – nova estação de Esconjuro – traz obras inéditas, além da consagrada série de fotografias Notícias de América

Com curadoria de Beatriz Lemos, coordenadora do Inhotim, e de Lucas Menezes, curador assistente do Instituto, *Esconjuro* – exposição monográfica de Paulo Nazareth – parte das relações entre história, território e deslocamento. E o artista confirma, cada vez mais, que suas obras são como uma presença viva e dinâmica ao longo do período de permanência no Inhotim. “*Esconjuro é uma mostra em expansão. Meu desejo é que essa exposição seja viva, algo que esteja acontecendo sempre. É uma abertura que precede outras aberturas dentro de si mesma*”, comenta Paulo Nazareth.

Inaugurada em abril, a mostra vem sendo modificada em ações chamadas “reformas”, com reposicionamento das obras e a inclusão de trabalhos inéditos na Galeria Praça e outras áreas externas do museu. Até meados de 2025, as mudanças resultarão em quatro versões diferentes de *Esconjuro*, cada uma delas relacionadas a uma estação do ano. Após sua primeira versão, no outono deste ano, ela acaba de ser reconfigurada: *Esconjuro/ Primavera*. E será modificada mais duas vezes, no verão e no inverno do ano que vem.

“Esconjuro, de Paulo Nazareth, desafia os modos tradicionais de trabalho no museu, pois se apresenta como uma exposição mutável, sazonal e dependente de uma série de articulações internas, entre diferentes áreas da instituição, para que cada obra seja executada em sua melhor maneira. Valendo-se, assim, de um lugar generoso para o artista no que diz

respeito ao processo e à experimentação”, dizem os curadores.

“A estação Primavera se anuncia como momento de olharmos para a produção de Paulo como artista caminhante, que evidencia a importância dos trânsitos e as mudanças com as quais nos deparamos com o passar do tempo. Nesta atual montagem o artista propõe uma nova experiência cromática para o espaço e traz o preto como símbolo de transmutação e espiritualidade”, explica Beatriz Lemos, curadora coordenadora da instituição.

Na estação anterior, outono, *Esconjuro* foi composta por obras que apontam diversas maneiras de se relacionar com a terra, seus ciclos e as transformações que suscitam no meio ambiente, ao mesmo tempo que indicam as práticas de exploração e disputa historicamente conhecidas no território.

Agora, a primavera chega como uma forma de transmutação, com foco nos trânsitos e migrações para percorrer as rotas realizadas pelo artista em sua célebre série *Notícias de América* – na qual registra um grande conjunto de ações performáticas ao atravessar o continente americano a pé e de carona, acumulando nos pés a poeira de cada um dos lugares que passou.

Um recorte dessa série fotográfica é apresentado em diálogo à obra *Marco Temporal*, já presente na primeira estação da mostra, e representa a expressão mais sig-

nificativa do preceito estabelecido por Nazareth, de percorrer toda América Latina antes de pisar pela primeira vez nos Estados Unidos da América.

Esse fluxo é também base para *Casas de pássaros*, obra externa desta estação, instalada no *Jardim Sombra e Água Fresca* – um dos jardins temáticos do museu. Construídas em madeira, com projetos de inspiração modernista, as casas são um convite de morada aos pássaros que atravessam a região do Inhotim.

“O conjunto de ‘casas modernas’ proposto por Paulo Nazareth se relaciona a uma visão de progresso e modernidade que, no caso brasileiro, foi antes anunciada pela arquitetura, processo que culminou, por exemplo, na construção de Brasília. Na prática, o progresso não chegou para todos, e a criação da nova capital provocou sérios impactos ambientais no Cerrado, afetando flora e fauna. Casas de pássaros foi totalmente produzida a partir do diálogo entre o artista, os curadores, os pesquisadores do Jardim Botânico da exposição, além dos arquitetos envolvidos no projeto. A produção das peças foi realizada pelo Carlão, encarregado de marcenaria do Inhotim”, acrescenta Lucas Menezes, curador assistente do Inhotim.

Do rosa RIRO, do orixá Ewá, as paredes da Galeria Praça levam nova cor para lembrar que é tempo de transmutação. A cor preta remete o ambiente ao carvão, elemento que em muitas tradições afro-brasileiras trata de transfor-

mação, purificação e proteção, e conforma um poderoso duo com o efum, pó branco de base calcária que é utilizado em rituais no Candomblé, com intenção de promover calma e equilíbrio, clareza e iluminação. As formas circulares de efum se alastram na prática artística de Nazareth e ganham presença sobre imagens e símbolos da série *White ethnography* na litogravura *O Guarani*, primeiro Múltiplo do artista para o Instituto Inhotim.

SERVIÇO

Esconjuro | primavera – Paulo Nazareth

Até junho de 2025

Galeria Praça e áreas externas do Inhotim

Visitação:

De quarta a sexta-feira, das 9h30 às 16h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30

Ingressos:

Inteira: R\$ 50,00 | Meia-entrada: R\$ 25,00

Regras de meia-entrada e gratuidades no site:

www.inhotim.org.br/visite/ingressos/



Notícias de América

Galeria Raquel Arnaud participa da Art Basel Miami Beach celebrando seus 50 anos

Exposição terá obras de artistas como Sergio Camargo, Jesús Rafael Soto, Iole de Freitas, Wolfram Ullrich e Carla Chaim, além do lançamento de publicação internacional com textos e imagens que contam a sua história



Sergio Camargo, *Sem título*, 1971

Foto: Divulgação

Na edição 2024 da Art Basel Miami Beach, que acontece entre os dias 6 e 8 de dezembro, a Galeria Raquel Arnaud comemora suas cinco décadas de história com um foco especial nas obras de Sergio Camargo. Além de ser considerado um dos artistas mais influentes do Brasil na segunda metade do século passado, a galeria representa Camargo e seu espólio há quase 50 anos.

Um conjunto de obras que marca a transição fundamental do escultor, dos relevos em madeira dos anos 1960 ao uso do mármore de Carrara nos anos 1970, será exibido para homenagear essa parceria de longa data. Entre os destaques, a escultura em madeira "*Sem título*", de 1960, que foi o ponto de partida dessa mudança; e o relevo "*Sem título*", de 1971,

acompanhado por uma coleção de esculturas de pequeno formato em mármore e negro belga preta, que raramente são exibidas.

A exposição estabelece um diálogo entre Camargo e seus contemporâneos, como Jesús Rafael Soto, com *Ambivalencia en el Espacio, Color 16*, de 1982, pintada em madeira e metal; Luis Tomasello, com seu *Mural Cromoplástico Brasil*, de 2012; e Carlos Cruz-Diez, com *Physichromie n 2.173*, de 1986, além de sua impressionante *Pirâmide Cromointerferente* como destaque especial no Art Kabinett.

Em paralelo, serão apresentadas obras de artistas de uma geração posterior, como Waltercio Caldas, cujas esculturas exploram o potencial poético da forma; Iole de Freitas, que recentemente realizou uma grande exposição individual no Instituto Moreira Salles e no Tomie Ohtake, em São Paulo; o artista alemão Wolfram Ullrich, que explora a materialidade da abstração geométrica há mais de 40 anos e que recentemente inaugurou uma retrospectiva na *Kunsthalle Weishaupt Überwindung der Schwerkraft*, em Ulm, Alemanha. Por fim, a terceira geração é representada por Carla Chaim, cujas obras foram adquiridas pelo MASP, o Pérez Art Museum e a Cisneros Fontanals Art Foundation.

SOBRE A GALERIA RAQUEL ARNAUD

Criada em 1973, com o nome de Gabinete de Artes Gráficas, a galeria sempre ocupou espaços marcantes assinados por arquitetos como Lina Bo Bardi, Ruy Ohtake e Felipe Crescenti. O foco no segmento da abs-

tração geométrica e a atenção especial dada às investigações da arte contemporânea – arte construtiva e cinética, instalações, esculturas, pinturas, desenhos e objeto – perpetuaram a Galeria Raquel Arnaud no Brasil e no exterior, tanto por sua coerência como pela contribuição singular para valorização e consolidação da arte brasileira. Raquel Arnaud também fundou o Instituto de Arte Contemporânea (IAC) em 1997, a única instituição no Brasil que cataloga documentação de artistas.

<https://raquelarnaud.com/>



Iole de Freitas, *Dagger-1*, 2021

Foto: Divulgação

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

Foto: Divulgação

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868